



INÍCIO

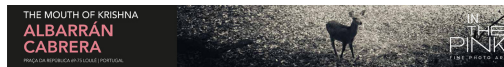
SECÇÕES

UMBIGO

CONTACTOS



PT EN



Taking the light out of the prism, vista de exposiçã

ARTE & CULTURA

## Grandes começos,

Edição em papel



COMPRAR

NUM. ANTERIORES

Subscrever

Primeiro

Nome

Apelido

Email

Subscrever a Newsletter (versão PT)!

Aceito a [Política de Privacidade](#)

I'm not a

SUBSCRE

# pequenas mortes: Taking the light out of the prism e os 4 anos da Duplex

👤 Laila Algaves Nuñez

No dia 4 de novembro, a abertura da mostra *Taking the light out of the prism* marcou, também, a celebração dos 4 anos da Duplex | Artists in Residence. Com curadoria de Susana Rocha, artista plástica e fundadora deste espaço de experimentação e investigação criativa, a proposta da exposição transparece a dinâmica e principal motivação da Duplex: oferecer um terreno fértil para o diálogo entre artistas e os seus múltiplos percursos e pesquisas. Convocando como mote agregador a figura do prisma, capaz de “*valorizar simultaneamente a energia coesa (que atravessa a superfície do vidro), e a intensidade ampliada das forças individuais*” [1], a coletiva reúne, ambiciosamente, cerca de 80 peças de 52 artistas, distribuídas por três pavilhões das Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento do Exército, na Graça.

Aberto ao público pela última vez há três anos, na ocasião do Moda Lisboa 2020, o espaço é, sem dúvida, uma mais-valia para a

fruição das obras. Em jeito de bienais ou feiras de arte, a exposição alastra-se pelas paredes gastas e as salas compridas da antiga Fábrica Militar de Santa Clara, criada em 1927, num contraste bem conseguido entre as características próprias das instalações - algo rudimentares e, em certa medida, austeras - e o terreno imaginativo talhado pelo encontro das criações ali apresentadas. Cinco núcleos conceituais organizam as possibilidades narrativas e estéticas deste grande conjunto, oferecendo uma leitura que, a depender do visitante, pode ou não parecer linear: do início ao fim metafísico de uma vida, acompanhando a formação e o desvanecimento de um corpo; ou, simplesmente, o despoletar de histórias lúdicas e rizomáticas, que vão se abrindo e contaminando de forma inesperada. Ambas as perspetivas entusiasmam-me.

No piso térreo das Oficinas, o nosso trajeto é instaurado em meio a pinturas, instalações e esculturas que poderiam vir dos céus ou do fundo do oceano, como sugere o nome daquele primeiro núcleo. Invaso por uma luz rosa, com cheiro a vinho e bagas, o pavilhão transporta-nos para um tempo mitológico, originário, mergulhado nas

fantasias modernas em torno do natural e do sobrenatural. Logo à entrada, sou imediatamente seduzida pelas águas incendiadas da espanhola Sheila Cañestro, cuja pintura vibrante e elementar - *Seguimos la noche, buscando la luz* (2023) - dá o tom para o universo misterioso que ali fervilha. Com as cerâmicas vidradas e alienígenas de Francisco Trêpa e Pedro Moreira - *Dripping stage* e *Macrobioma vi (flattered simulacrum)*, respetivamente, ambas datadas deste ano -, bem como a instalação molhada de Paula König - *the water that flows through my body also flows through yours* (2021) -, reconhecemos-nos naqueles corpos moles, úmidos, supostamente forasteiros, mas que nos habitam e constituem.

A visita prossegue, então, para o próximo pavilhão, no segundo piso, quando a temática comum passa a ser o absurdo, o ilógico ou a quebra da linguagem. Na sala, sou recebida por pernas de quase quatro metros de altura em *Cold Feet* (2023), instalação têxtil de Hugo Brazão à qual escapam dois pés para o plano escultural. Há, também neste pavilhão, muito calor, capaz de derreter corpos e borrar a visão. Capaz de derreter o mundo e fazer sobrar somente parafina, moeda e plástico.

Mais adiante, no mesmo corredor,

confrontamo-nos, de facto, com os ecos destas estruturas perdidas, mote do terceiro núcleo da exposição. Nesta próxima seção, as obras parecem fazer o luto por algo que se perdeu, na tentativa de capturar, ainda, os rastros de vidas e modos de viver já desaparecidos - e que talvez pareçam, agora, tão efêmeros como o registo de uma polaroid sem título, como em Tjitske Oosterholt, ou as marcas de sol sobre os nossos gastos (demasiadamente gastos) colchões, como no trabalho de Gabriel Ribeiro. As árvores crescem e secam nos esqueletos de tripés, que já não sustentam câmaras para retratar o mundo (que imagens serviriam a este futuro desertificado?) - imaginam as peças *Blues II* e *Blues III* (2022) de Hugo Cantegrel. Nathalia Mei mostra-nos, ainda, redes de fungos que tomam toda a matéria orgânica e inorgânica, a madeira e as impressões 3D em poliéster, e podem se transformar, quem sabe, na próxima geração de escultores contemporâneos a partir de *objets trouvés*.

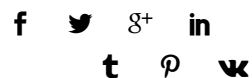
Assim, a morte e o futuro aparecem como questões incontornáveis nesta jornada, que convocam, por consequência, a reflexão sobre a natureza e a sua potência criadora e destruidora. No quarto e penúltimo grupo conceitual, intitulado *Spirituality*

*and nature's drifts*, dez artistas gravitam em torno desta força indecifrável, embora bastante concreta, oferecendo-nos as suas cápsulas e amuletos de contacto possível com outras dimensões, seres e ecossistemas. (Ainda que estes ecossistemas se assemelhem mais com um *Oasis* (2023) artificialmente construído, por Natalie Feldesman, do que com a ideia antiga e incontaminada de Natureza.) *Taking the light out of the prism* encerra-se com uma ode a estes territórios impuros – corpo e terra –, desde sempre e para sempre sujeitos a uma miríade imprevisível de embates, conexões e transmutações. *A prayer to a little death* (2023, Catarina Moura) é tudo o que nos resta fazer.

A mostra está patente, ainda, somente nos 10 e 11 de novembro. No âmbito da Lisbon Art Weekend, prevêem-se visitas guiadas diárias e gratuitas ao público.

[1] Texto de apresentação disponível no website <http://duplexair.com>.

NOVEMBRO 10,  
2023



---

**ARTE , LISBOA**

---

## ARTIGOS RELACIONADOS



**João Onofre entre o grito do falcão e o canto da sereia**

Novembro 8, 2023  
Novembro 9, 2023

**Entrevista com Leka Mendes, autora da capa do mês** **O Animal e as Roupas de Daniel Melim na galeria Monitor**

Novembro 8, 2023  
Novembro 7, 2023

< ARTIGO ANTERIOR



**João Onofre entre o grito do falcão e o canto da sereia**



LAILA ALGAVES  
NUÑEZ

Laila Algaves Nuñez (Rio de Janeiro, 1997) é investigadora independente, escritora e gestora de projetos em

comunicação  
cultural, interessada  
particularmente  
pelos estudos de  
futuro  
desenvolvidos na  
filosofia e nas artes,  
bem como pelas  
contribuições  
feministas para a  
imaginação e o  
pensamento social e  
ecológico. Bacharel  
em Comunicação  
Social com  
habilitação em  
Cinema (PUC-Rio) e  
mestre em Estética  
e Estudos Artísticos  
(NOVA FCSH),  
colaborou  
profissionalmente  
com iniciativas e  
instituições  
nacionais e  
internacionais, como  
a BoCA - Biennial of  
Contemporary Arts,  
o Futurama -  
Ecosystema  
Cultural e Artístico  
do Baixo Alentejo e,  
enquanto assistente  
de produção e  
criação de Rita  
Natálio, a Terra  
Batida.

---



@ Powered by

**NLF Software® for Umbigo Magazine**

